

PPG LETRAS UFRGS
50 ANOS DE UMA HISTÓRIA:
RELATOS PESSOAIS



**PPG LETRAS UFRGS
50 ANOS DE UMA HISTÓRIA: RELATOS PESSOAIS**

PET Letras (orgs.)



2022

Direito autoral:

Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Todos os direitos desta edição reservados à Editora Noctua. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação, etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995.)

Conselho Editorial Noctua

Amanda de Campos Cerioli

Amanda Fernandes Alves

Bianca Gomes Martins

Brenda Mensch

Ediele Maria Rodrigues de Lima

Felipe Pergher

Gabriela Di Diego

Gabriel de Ávila Othero

Gabriele Pergher

João Manoel Pinto Alves

João Vicente Cardoso Kohem

Natália Fernanda Silveira da Pureza

Pietra Rafaela Antunes Krug

Coordenação editorial: Gabriel de Ávila Othero

Revisão ortográfica: PET Letras

Capa: Amanda Fernandes Alves

Foto: Acervo História do Instituto de Letras UFRGS

Projeto gráfico e diagramação: Rose Tesche

1ª edição em 2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

PPG Letras UFRGS : 50 anos de uma história : relatos pessoais / PET Letras, (orgs.) ; [coordenação Gabriel de Ávila Othero]. -- Porto Alegre, RS : Editora Noctua, 2022.

ISBN 978-65-00-48157-0

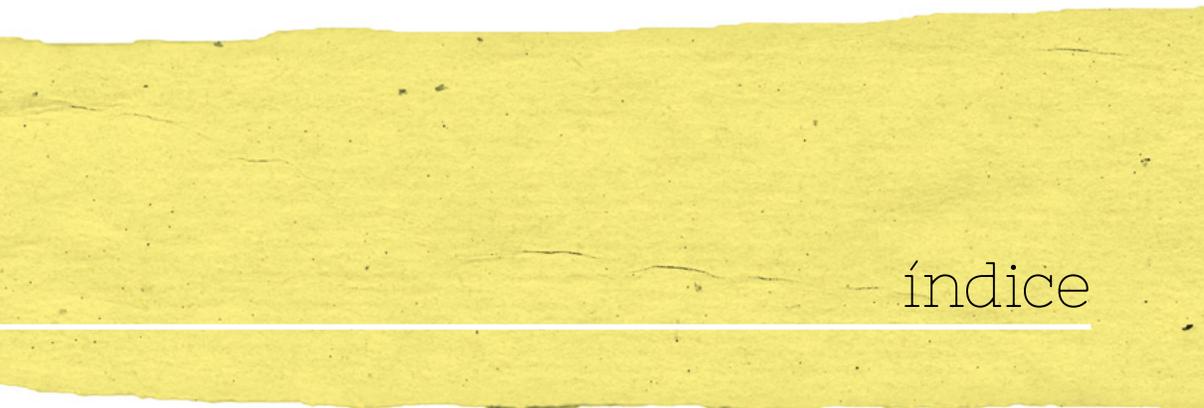
1. Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - História 2. Professores - Relatos I. PET Letras.
- II. Othero, Gabriel de Ávila.

22-116827

CDD – 378.155098165

Índices para catálogo sistemático:

1. Universidade Federal do Rio Grande do Sul : Programa de Pós-Graduação em Letras : História 378.155098165 Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380



índice

007	Prefácio
011	Anamaria Welp
027	Antonio Sanseverino
041	Carina Rebello Cruz
047	Carmem Luci da Costa e Silva
059	Elaine Indrusiak
085	Elisa Battisti
095	Gabriel de Ávila Othero
103	Ingrid Finger
117	Lucia Sá Rebello
125	Luciana Vinhas
139	Luís Augusto Fischer
185	Luiz Carlos Schwindt
191	Márcia Ivana Lima e Silva
209	Maria da Glória Bordini
213	Michael Korfmann
227	Silvana Silva
235	Simone Sarmento
257	Ubiratã Kickhöfel Alves
285	Valdir do Nascimento Flores

antonio sanseverino

Professor Titular de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), professor do Programa de Pós-Graduação em Letras, pesquisador CNPq. Mestrado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1994), com a dissertação "A dupla centralidade na poesia de Gregório de Matos" e doutorado em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1998), com a tese "Realismo e Alegoria em Machado de Assis". Pós-doutorado na Brown University (2018), com apoio da CAPES. Membro do GT-Literatura e Sociedade, da ANPOLL. Desde 2008, dando continuidade à pesquisa da tese, estuda a prosa curta machadiana, tanto a crônica quanto o conto, analisando o lugar ocupado na Formação da crônica brasileira. Especificamente, é pesquisada a crônica machadiana no jornal "Gazeta de Notícias". Atualmente, é realizado o estudo da categoria do realismo. Em andamento conjunto, pesquisa o nexu entre literatura e educação, tendo como foco a leitura do texto literário enquanto experiência formadora. Tem experiência na área de Letras, atuando nas seguintes áreas: poesia moderna brasileira; Machado de Assis, ironia, alegoria e sociedade; educação literária.

DO JORNALISMO PARA LETRAS (GRADUAÇÃO)

Em 1986, entrei no curso de Jornalismo da UFRGS. Ainda sem saber muito o que queria fazer da vida, me envolvia bastante com disciplinas de outras áreas, como Ciência Política, Economia, Linguística. Gostava particularmente de Língua Portuguesa, em que escrevíamos nossos textos e discutíamos em aula. Ao longo do segundo ano de curso, em 1987, fiz várias cadeiras eletivas, algumas na Letras, o que me levou à decisão de trocar de curso. Depois de novo vestibular, comecei a Licenciatura em Letras em 1988.

Como sempre gostei de ler e de estudar, assim me interessava tanto pelas disciplinas de literatura, quanto de língua portuguesa e de linguística. Fui monitor de linguística, primeiro, e de literatura brasileira depois. Da metade para o fim do curso, comecei a lecionar em supletivo para jovens e adultos. Tinha uma pequena experiência de alfabetização, de aulas de matemática, mas nada se compara ao susto das primeiras aulas para um auditório lotado. Foi um impacto tremendo. Eu era e ainda me considero uma pessoa tímida, mas me acostumei com a sala de aula. Neste primeiro momento, dei aula de língua portuguesa e, depois, de produção

textual para adultos. Lembro que eu e uma colega fizemos nosso próprio material de apoio para as aulas de redação. Foi um exercício fascinante.

No último ano do curso, comecei a dar aula em uma escola particular, confessional, de Porto Alegre. Era uma quinta série. Apesar de ser o professor e de planejar com uma colega conteúdos, leituras, atividades e tarefas para docência, posso dizer que foi um período de grande aprendizagem. A sinceridade das crianças de 10 e 11 anos devolvia para mim os meus gestos, as minhas falas, o meu comportamento em sala de aula. A interação franca e a agitação da turma às vezes me exasperavam, mas era um desafio que levou a produzir atividades muito ricas. Lembro em especial já neste primeiro ano de docência em escola, o maravilhoso espanto em acompanhar o aprendizado da leitura e da escrita das crianças durante apenas um ano.

Como estava no final do Curso de Letras, esta experiência profissional ocorreu em paralelo com o estágio de docência em escola pública. Além do contraste com a escola particular, houve a experiência de atuar no período noturno, com alunos mais velhos, que estavam fora da seriação. Não lembro exatamente do projeto, mas guardo na memória de que procurávamos a fundamentação teórica bakhtiniana para construirmos uma prática significativa para a turma.

No ano seguinte, já formado, trabalhei em outra escola, desta vez particular, comunitária, em que havia um projeto de ensino de língua portuguesa, em que as turmas do 5º ano eram

divididas em dois, uma parte para cada professor. Na série, éramos três professores. Fazíamos o planejamento semanal a partir do retorno a partir da avaliação que fazíamos das dificuldades dos alunos. O objetivo central do ensino era o aprendizado da leitura e da escrita. Foi um dos melhores anos como docente, pois construíamos uma proposta coletiva, passo a passo, em que vimos as crianças crescerem, dominarem a escrita e encontrarem uma forma expressiva pessoal.

Até aqui falei do aprendizado docente. Vale dizer que foi preciso aprender bastante para me tornar professor. Destaco em especial o desafio em trabalhar com crianças, que mostram de modo franco quando uma atividade não tem pertinência, quando não está sendo significativa. Lembro que dava aula à tarde e tinha os dois últimos períodos da sexta-feira com uma turma bastante agitada. Com toda inexperiência, eu era o conselheiro da turma, tentando encontrar um jeito de fazermos o grupo acompanhar melhor as demais disciplinas, mas as aulas de sexta me deixavam invariavelmente esgotado, sem uma gota de energia.

Se à noite, primeiro, e à tarde, depois, já era professor, de manhã continuava aluno da graduação. Ao longo dos quatro anos, fui descobrindo que meu maior interesse era a literatura. Continuava interessado em língua portuguesa. Tive excelentes professores de fonologia e de sintaxe, que levaram a uma leitura mais atenta da forma do texto. Em paralelo à disciplina de fonologia, fazia uma cadeira eletiva da antropologia, que estava centrada na leitura da Lévi-Strauss. Imagino que tenha sido um trabalho precário, mas lembro

particularmente com gosto do estudo da história do estruturalismo, da articulação entre antropologia, fonologia e teoria da literatura. Ainda bem que perdi a cópia do trabalho e fiquei com a memória (provavelmente enganosa!) de que era bom. Outro trabalho de que gostei bastante, feito na disciplina de sintaxe, foi uma análise do discurso direto livre em contos brasileiros contemporâneos.

Apesar do interesse pelos estudos linguísticos, meu maior foco recaía nas disciplinas de literatura brasileira, de teoria da literatura. No início, fiz seminários de criação literária, escrevi contos, o que foi uma experiência importante, mas, ao longo do curso, me encaminhei para a leitura crítica das obras. Na imagem de Henry James, sempre me interessei em descobrir o desenho do tapete, aquele fundamento que define e organiza a obra de um autor. Mesmo que fosse a leitura de um soneto, ou de um conto, sempre tentei o comentário crítico.

PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS, ENTRE LITERATURA BRASILEIRA E TEORIA

Fiz a seleção para o mestrado no último ano do curso, quando já era professor. Lembro até hoje da prova escrita. Se perguntarem o que escrevi, não sei exatamente, mas lembro que, aproveitando a pesquisa feita para o estágio docente, se tratava de uma leitura bakhtiana de *São Bernardo*, de Graciliano Ramos. A outra pergunta era sobre Oswald de Andrade. Assim, em 1992, entrei no Mestrado em Literatura Brasileira do PPGLET/UFRGS.

A primeira aula coincidiu com a formatura em gabinete. Tive de sair mais cedo para fazer o juramento e me tornar oficialmente um licenciado em letras. No primeiro dia, o professor passou uma lista de livros para a turma. Eram os livros imprescindíveis para quem desejava fazer sua formação em estudos literários. Não sei dos colegas, mas eu tinha lido mais ou menos a metade. A insegurança, que já era grande ficou enorme, o que me levou aos sebos do centro de Porto Alegre para buscar os romances que ainda não tinha lido. Como perdi a lista, não sei se já fiz todas as leituras, mas me tornei professor de literatura brasileira.

Provavelmente, o objetivo fosse nos alertar para a necessidade continuarmos sempre a ler. Hoje consigo ver que a lista de obras fundamentais carrega consigo a concepção de que há um repertório canônico, incontornável, que deve ser de conhecimento do estudioso de literatura. Além disso, havia a ideia de que, antes de formular uma pergunta teórica ou histórica, mais importante era ler literatura. Já como professor de graduação, lembro de um colega dizendo que não seria necessário indicar leituras críticas. Gostaria apenas de destacar que os críticos, leitores especializados, não trazem a verdade sobre a obra literária, mas trazem uma posição com a qual se dialogar.

Ao longo do mestrado, todas disciplinas foram importantes na formação. Poderia listar diferentes cursos e docentes, mas me restrinjo a duas disciplinas. No primeiro caso, foi no estudo da literatura colonial brasileira que encontrei o objeto da pesquisa, a dupla centralidade na poesia atribuída a Gregório de Matos.

A outra disciplina foi a leitura do conto machadiano, cujo trabalho final foi a semente para o projeto de doutorado.

Vários colegas foram marcantes na trajetória. Lembro das aulas em que debatíamos sobre um conto, um poema ou uma questão, mas recordo especialmente os encontros de estudos em que líamos uns os trabalhos dos outros. Vem daí um aprendizado simples, e extremamente importante, sobre apresentação de trabalhos. Desde a organização da fala, a interação cuidadosa com os interlocutores, a exposição pausada. Até hoje me entusiasmo ao apresentar uma obra ou questão que me toca, passando, então, a falar rápido, mas sempre trago organizada a exposição preparada num gesto de respeito a quem se dispõe a ouvir e a conversar.

Para não esquecer ninguém, para evitar personalização, não tenho dito o nome dos colegas ou dos professores. Quero referir, no entanto, a orientadora, professora Maria do Carmo Campos, que não apenas deu as diretrizes fundamentais para a pesquisa e para elaboração da dissertação quanto abriu outros espaços. Lembro em especial da leitura de João Cabral de Melo Neto.

Realizei o doutorado logo após o mestrado, sem intervalo entre um e outro, mas saí da UFRGS e entrei no Curso de Pós-Graduação da PUCRS. Foi uma troca importante. Depois de graduação e mestrado na UFRGS, a troca propiciou uma experiência em outro ambiente acadêmico. No primeiro ano, a dedicação às disciplinas, no primeiro ano, contribuiu para a ampliação do horizonte de estudos e de pesquisa. Depois, durante o tempo do doutorado, além da tese, vale referir a participação no gru-

po de pesquisa, em que cada um dos doutorandos se dedicava ao estudo de um teórico. Da minha parte, mergulhei na leitura de Theodor Adorno, a fim de analisar a categoria da mediação, tendo como foco a relação entre literatura e sociedade e o modo como os conflitos sociais não resolvidos se transformam em em tensões formais na obra literária. Assim, como fiz na brevíssima apresentação do mestrado, refiro minha orientadora, a professora Regina Zilberman. O rigor e a atenção dispensada à leitura de cada capítulo, as indicações de leituras, o apontamento das falhas foram fundamentais para realização da tese sobre Machado de Assis, sobre as tensões entre realismo e alegoria.

DOCÊNCIA E ORIENTAÇÃO NO PPGLT

Entre a conclusão do doutorado, defendido em janeiro de 1999, e o ingresso na UFRGS, trabalhei como docente e coordenador do curso de Letras no UniRitter. Foi um período de aprendizado profissional importante, mas em 2004 decidi realizar o concurso para Literatura Brasileira na UFRGS, em que ingressei em agosto de 2005. A volta para o Instituto de Letras trouxe novamente a dedicação integral aos estudos literários em um ambiente acadêmico muito vivo.

Em 2006, me credenciei como professor na especialidade de literatura brasileira. O credenciamento como orientador se deu no ano seguinte, primeiro mestrado e mais tarde doutorado. Em 2013, atuei como coordenador adjunto do PPGLT, como vice de

Valdir Flores. Entre 2019, voltei à coordenação tendo como adjunta a professora Simone Sarmento. Em 2021, permanecemos com a mesma comissão coordenadora, agora invertendo as posições, em que estou como vice.

Neste período, há várias dimensões importantes interligadas. A primeira está no foco em uma pesquisa individual, em que se procura elaborar uma contribuição para a área. Não se trata de um processo linear. No meu caso, posso referir um elemento constante que percorreu os anos de trabalho, a relação entre a literatura e a sociedade, entre formas estéticas e os processos sociais. Assim colocado poderia parecer algo simples, mas há uma diversidade de estudos, que agora não vou referir, para a apenas destacar a necessidade de um rigor teórico que sustente as leituras feitas. Da trajetória de pesquisa, destaco atualmente o estudo da poesia de Drummond e de Bandeira, a partir da categoria do gesto, enquanto “gestus” brechtiano, a fim de analisar o quanto a lírica, ainda que mergulhada na subjetividade, carrega consigo as tensões sociais.

As disciplinas, atualmente dentro das linhas de pesquisa em que atuo, estão voltadas para a formação discente, mas ecoam os fundamentos do projeto de pesquisa. Assim, na linha Literatura, Sociedade e História da Literatura, foco na leitura da obra literária a partir da análise formal enquanto expressão de tensão social, e na linha de Estudos Literários Aplicados, desenvolvo estudos sobre a formação do leitor, a partir da concepção de educação literária. Este não é o espaço de expor as duas dimensões, interligadas,

mas cabe referir que a disciplina tende a ser um espaço de pesquisa, em que se procura dar espaço aos discentes para aprofundarem os estudos na sua área de atuação.

Outra dimensão importante da atuação em pós-graduação é a orientação de mestrandos e doutorandos. Temos na graduação a oportunidade de orientar Iniciação Científica, mas se trata de iniciação, como diz o nome, de estudantes envolvidos com uma diversidade de disciplinas e estudos. No PPG, os discentes têm a oportunidade de se dedicar integralmente a uma área, a mergulhar nos estudos de um tema, assim de se construir uma pesquisa de fôlego. Acompanhar este trabalho, implica uma relação de aproximação e distância com a pesquisa do orientando – proximidade, pelo conhecimento temático que permite indicar e referir autores e obras relevantes; distanciamento, para ajudar na construção de organização da pesquisa e, depois, da escrita da dissertação ou tese.

Por fim, cabe referir uma quarta dimensão, de administração e política acadêmica. Em tempos de pandemia, a necessidade de lidar com a estrutura de funcionamento de um Programa de Pós-Graduação em Letras, do tamanho do nosso, foi um tremendo desafio. Para não me alongar, me concentro apenas na política de bolsas, pois é fundamental para que os discentes possam se qualificar. Estamos falando da formação de novos quadros para atuarem na docência e na pesquisa, sendo assim estamos tratando da necessidade de se dedicar integralmente ao estudo de uma área específica. Nesse período,

acompanhamos a diminuição da oferta de bolsas de mestrado e de doutorado. A dedicação ao conhecimento vem de uma vontade individual, mas precisa de amparo material para que possa se desenvolver. Este amparo vem de uma política pública que valoriza, ou não, a pesquisa e produção de conhecimentos. Cabe dar um exemplo positivo a fim de mostrar o efeito de uma política pública de financiamento, trata-se do Programa de Internacionalização, PRINT/UFRGS. Os doutorandos, que tiveram a oportunidade de pesquisar em outra universidade, fora do Brasil, trouxeram de volta na bagagem não apenas uma pesquisa qualificada para sua tese, como uma experiência acadêmica decisiva na sua formação. A partir deste único exemplo, o das bolsas para os estudantes, quis apontar a necessidade de atentar para a construção de uma base material que dê condições para a pesquisa e que mantenha um horizonte aberto para novos docentes e pesquisadores.

NOTAS FINAIS

Enquanto professor, historiador ou crítico, o pesquisador vai fazer a obra falar algo que vai além do óbvio, ou da recepção pessoal e impressionista, mas, cada vez mais, não se trata de trabalho isolado. Trata-se de trabalho individual, claro, mas em diálogo com outros pesquisadores. Assim, a rede de periódicos e a possibilidade de intercâmbio ajudam a dimensionar o lugar da minha pesquisa no campo em que estou inserido. Qual a relevância de meu

estudo? Qual a pertinência? Em que meu trabalho contribui para renovação do campo? Qual aspecto diferencial acrescenta? Como meu trabalho dialoga com meus pares? As perguntas poderiam se suceder, sem fim, mas a questão central é que o fortalecimento da pesquisa em pós-graduação, na área de Estudos Literários, nos obriga a refletir sobre o lugar e a necessidade de nosso trabalho para além de veleidades pessoais.

Desde a entrada para a graduação em Letras em meados dos anos de 1980 até agora, passando por Mestrado e Doutorado (nos anos de 1990), há obviamente diversas mudanças. Para evitar generalidade, vou referir apenas uma. No mestrado, início dos anos de 1990, quando queria ler artigos acadêmicos, tinha de procurar os registros no computador da biblioteca, percorrer as estantes, separar os periódicos. Depois, se encontrasse algo de interesse, era importante fazer a cópia para uma leitura mais atenta posteriormente. Hoje, no celular ou no computador, abrimos um buscador de pesquisa e encontramos dezenas, centenas, às vezes, milhares de artigos sobre nosso tema de interesse em periódicos nacionais e estrangeiros. Este é apenas um elemento, talvez acessório, para mostrar como o cotidiano da pesquisa acadêmica mudou.

Quando esbocei o esquema do presente texto, tinha também elencado as novidades teóricas e críticas que venho acompanhando desde minha graduação para mostrar as mudanças na pesquisa em Estudos Literários. Disto ficou apenas a busca dos artigos em periódicos em diferentes bibliotecas, sendo que às vezes era um amigo que emprestava o texto para copiarmos, pois o acesso era

difícil. Em outros termos, a busca de novidades teóricas e analíticas, esteve presente na graduação nos anos oitenta, nos anos noventa na pós-graduação e está presente ainda agora. Assim, me pareceu mais importante referir um princípio constante, que independe das novidades do presente, que é a busca de rigor, da seriedade ao nos aprofundar no estudo de um tema e apresentar alguma contribuição ao nosso campo de estudos.

Ao finalizar o texto, vi que faltou espaço para várias questões, mas quero referir apenas uma delas. Uma interrogação que me angustia desde a graduação em Letras. Trata-se das obras literárias que preciso ler, mas nem durante o tempo de uma vida conseguirei ler. Trata-se da tradição literária, no sentido da transmissão de autores e de obras literárias ao longo do tempo. Autores, obras da nossa língua e de outras tantas línguas que nos dizem respeito e seria importante ler e incorporar à nossa experiência. Não se trata do ponto de vista conformista, melancólico, de ler uma história acabada, dos vencedores, nem de valorizar apenas um perfil de autores e de obras. Trata-se de dialogar com a tradição pelo ponto de vista crítico, dando espaço e voz para aqueles que foram silenciados. Tradição sem tradicionalismo, em suma. Assim quem estuda literatura se defronta com uma exigência que ainda persiste que nos leva a figurar o historiador ou o crítico como eruditos que leram tudo o que era possível da sua área. Não há uma solução fácil para este nó, mas ele nos ajuda a ver como mudou a concepção do pesquisador em letras, que deixa de se deslocar da erudição pura para uma capacidade de leitura crítica,

aberta a questionar seu lugar numa tradição de estudos.

De quando fui estudar a literatura brasileira do século XIX até agora, vou descobrindo cada vez mais autores e obras a serem lidos. Poderia ler apenas os autores canônicos e as obras consagradas. Assim, leria José de Alencar, ressaltando *Iracema* e *Senhora*, mas deixaria de lado outros romances, as peças de teatros, suas crônicas e outros textos jornalísticos? A resposta é ainda mais complexa, pois, à medida que os estudos foram se aprofundando, enquanto rede de pesquisa, vemos surgir na esteira do questionamento do cânone literário, a necessidade de atentar para outros autores, para outras obras que haviam sido relegadas ao esquecimento. Não é mais possível alguém responder, sem ser ingênuo ou cabotino, que um autor, uma obra ou um gênero é irrelevante, pois depende de interrogar a literatura enquanto experiência viva no passado e que ainda possa ser atual. Assim, volto a persistente angústia e curiosidade de ler um vasto acervo de obras literárias. É impossível ler tudo, não se pode esgotar a produção literária nem mesmo de um período, a literatura continua a ser produzida e a responder demandas atuais... Assim, importa selecionar o que se vai estudar, recortar seu objeto de pesquisa, questionar sobre a pertinência do estudo e sobre sua contribuição para a área, mas importa ainda mais se manter atento e receptivo para o que ainda está além de nossa vista, mas poderá ser importante ouvir, ler, descobrir.

• • •